

COMO UM CLIPE BEM FORMULADO REMETE AO CONCEITO DE INTELIGÊNCIA COLETIVA

Por: Bárbara Girardi e Sarah Hilgert Vieira

Introdução

Alguma vez você assistiu a uma série, terminou uma temporada e foi para a internet ver as teorias e especulações criadas por outros fãs da série sobre a próxima temporada? Várias cogitações sobre qual personagem irá morrer, qual casal vai ficar junto, ou até mesmo, o que era aquela pequena referência mostrada em um canto inferior no último capítulo. Esse conceito se chama **inteligência coletiva**, e foi criado e apresentado pela primeira vez pelo autor Pierre Lévy, em seu livro chamado “A Inteligência Coletiva”, publicado em 1997.

Nas palavras de Lévy, a inteligência coletiva nada mais é que:

“(...) uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta uma mobilização efetiva das competências(...)” (LÉVY; pierre, A Inteligência Coletiva, 1997)

Resumidamente, é uma área em que não há um “conhecimento supremo”.

Todos os conhecimentos são importantes e se complementam entre si. Lévy explica no livro que não importa o emprego, a classe social ou o sobrenome da outra pessoa. Cada um possui seu próprio conhecimento e cada um deve ser levado a sério. Segundo o autor, se todos se reconhecessem como portadores de conhecimento, o entendimento de cada indivíduo aumentaria muito.

É mais fácil aplicar esse conceito quando se tem algo em comum com outra pessoa. Afinal, é isso que naturalmente atrai o ser humano em uma conversa. Coisas em comum. Com a internet, ficou ainda mais fácil. Claro, a menos que a pessoa seja um *hater* sem vida social que gosta de entrar na internet para incomodar os outros porque a própria vida é um fracasso, a pessoa vai entrar na internet para ver as coisas que ela gosta.

Às vezes, ela pode gostar muito de determinada coisa. Uma série, por exemplo. Mas ninguém no seu grupo de amigos gosta ou sequer assistiu aquela série. Porém, na internet, a situação é outra. Lá, ela encontra várias pessoas que gostam e conversam sobre a série. E, como dito no começo desta

introdução, se juntam para pensar e criar teorias sobre acontecimentos futuros na trama. Mentes trabalhando juntas, uma completando o pensamento da outra e chegando em uma conclusão. Isso é inteligência coletiva.

O estudo de caso deste artigo será sobre como os fãs da cantora Taylor Swift se juntaram e praticaram a inteligência coletiva na internet para desvendar todos os segredos e referências que a artista colocou em seu recente clipe chamado “Look What You Made Me Do”.

Parte 1 – Entendendo a Inteligência Coletiva

Tendo as redes sociais como o principal meio de propagação de engajamento neste caso, vamos deixar os outros meios de lado. Pois bem, a internet é este universo que pode ser tanto maravilhoso quanto maligno, dependendo de como ela é usada. Por ser tão poderosa e alcançar tantas pessoas, a internet se torna uma espécie de “influenciadora”.

Esta teoria foi explicada no livro “Cultura da Convergência”, publicado por Henry Jenkins, em 2008. Segundo ele, a internet adapta os outros meios de comunicação como forma de influência. E, com os conceitos de interatividade de hoje em dia, as empresas estão cada vez mais participativas com seus consumidores.

Um destes casos de interatividade online foi o do *reality show* “Survivor”. Nos primórdios do programa, um fã começou a postar spoilers (informações sobre alguma mídia de entretenimento, querido por alguns, odiado pela maioria) em um fórum online. Estas postagens começaram a atrair vários novos espectadores para o programa, que também começaram a discutir sobre o que aconteceria sobre os próximos episódios, se o tal spoiler era verdade ou não.

Para a experiência de assistir ao *reality* não ser arruinada, alguns produtores do programa entraram no jogo e começaram a postar informações falsas, para evitar que o final fosse descoberto pelos fãs. Porém, estas discussões os ajudaram a perceber o ponto de vista dos consumidores do programa.

Um caso que a inteligência dos fãs superou a capacidade criativa dos produtores foi o do seriado “Lost”. Conhecido por ser um seriado de muitos

mistérios, quando um episódio novo saía a cada semana, uma liga de fãs ia para os fóruns criar teorias sobre o próximo episódio. Já que, na maioria das vezes, quando um mistério era resolvido, mais três eram criados.

A teoria mais famosa da série era que todos os personagens estavam mortos desde o primeiro episódio. Essa teoria se espalhou tanto pela internet, que até hoje algumas pessoas acreditam que é verdade. Os produtores chegaram a colocar este conceito em um dos episódios, quando um personagem tenta convencer os outros de que estão todos mortos e a famosa ilha mágica é o purgatório.



Porém, tentar serem mais inteligentes que os fãs acabou jogando os produtores em um buraco negro, pois de tanto tentar driblar as teorias especuladas por eles, acabaram chegando em um final ambíguo que não agradou a quase nenhum fã.

Contudo, nem todos os autores/produtores/empresas veem a inteligência dos fãs como algo positivo. No final dos anos 90, os livros de *Harry Potter* explodiram no mundo todo, gerando uma legião gigantesca de fãs. Estes fãs, inspirados pelo universo mágico criado pela autora J.K. Rowling, resolveram criar suas próprias histórias sobre o bruxinho e publicar na internet. Estas histórias são chamadas de *fanfics* (ficção criada por fãs).

O universo das *fanfics* se expandiu muito desde então, podendo encontrar histórias criadas por fãs de praticamente qualquer coisa. Mas as *fanfics* não são bem vistas aos olhos de George R.R. Martin, autor dos livros de *As Crônicas*

de Gelo e Fogo (também conhecido como *Game Of Thrones*). Ele as considera desrespeitosas com o seu trabalho e já declarou que o único que pode escrever sobre os personagens que ele criou é ele mesmo. Mas é claro que isso não impede os fãs de continuarem escrevendo.

De acordo com Jenkins, o tipo de conhecimento adquirido com estes produtos da cultura pop é grande demais para se limitar a apenas uma pessoa. Ele deve ser guardado coletivamente. Com várias cabeças dando contribuições a várias pequenas ideias que no final, se tornam uma grande ideia.

Este conceito se junta com a ideologia de Lévy, de que as trocas de informações são mais do que recomendadas e que toda opinião deve ser levada a sério como opinião. E isso não é diferente do caso a ser analisado a seguir.

Parte 2 –Olhe o que você fez a Taylor fazer

Taylor Swift é uma cantora mundialmente famosa que começou no Country, mas atualmente está voltada para o Pop, que está lançando seu sexto álbum de estúdio e já tem meros 400 prêmios na conta. Além de ser a segunda pessoa mais seguida no Instagram mundial, perdendo apenas para Selena Gomez.

Contudo, ela possui uma carreira bastante conturbada e polêmica, se envolvendo em diversos escândalos desde o começo. As rixas mais famosas da cantora são contra Katy Perry, Kanye West & Kim Kardashian, e todos os ex-namorados.

O clipe da música “Look What You Made Me Do” foi lançado no dia 27 de agosto de 2017. A música em si, representa a nova fase em que Taylor se encontra, mas ainda sim possui uma letra bastante controversa, além de um clipe lotado de referências.

A música é o primeiro single de seu novo álbum chamado “Reputation”, e atualmente já passou dos 600 milhões de acessos no Youtube. Não demorou muito para os fãs assistirem o clipe e perceberem as várias referências.

Com base no post feito no site oficial da cantora no Brasil: taylorswift.com.br, as referências encontradas no clipe são todas referentes a eventos passados na carreira de Taylor. Segundo os fãs, as referências foram as seguintes:

1 – Cena do Cemitério

- Quando a câmera passa por cima de um cemitério, é possível perceber que as lápides formam as iniciais “TS”. Isso indica que tudo o que está enterrado ali já pertenceu ou é relacionado a Taylor Swift;
- Se aproximando de uma lápide, a câmera mostra a frase “*Here lies Taylor Swift’s reputation*” (“Aqui jaz a reputação de Taylor Swift”, como, segundo os fãs, várias pessoas falaram na época em que Kim Kardashian a “expôs” no Snapchat). De repente, uma versão zumbi de Taylor usando o vestido do clipe de “Out Of The Woods” (música responsável por “enterrar” a era 1989, álbum anterior de Taylor) brota do chão;
- Taylor joga terra na cova de sua reputação, e a câmera vai mostrando outros nomes conhecidos nas lápides, como o de Nils Sjöberg, o pseudônimo utilizado pela cantora para compor a música “This Is What You Came For”, produzida por Calvin Harris (que é ex-namorado dela) e cantada por Rihanna. Ele ficou furioso quando todos descobriram que sua música, na verdade foi composta por Taylor, e quando ela disse que Nils Sjöberg era apenas um pseudônimo;
- Na última cena do cemitério, Taylor aparece sendo enterrada viva, usando o vestido de Oscar De La Renta, que usou no MET Gala de 2014, no início da era 1989.

2 – Cena da Banheira

- Taylor está em uma banheira cheia de diamantes, e no meio deles, pode-se ver uma nota de um dólar. É uma referência ao processo que Taylor sofreu (e ganhou) de um assediador. Porém, a indenização que ela recebeu foi de apenas um dólar. A banheira de diamantes também significa algo dito sobre sua imagem. Segundo Taylor, no Grammy PRO Session, as pessoas a veem como “alguém que afoga as mágoas em uma banheira de diamantes”.

3 – Cena do Trono

- Taylor está sentada em um trono de ouro, como se fosse uma rainha, enquanto seus “súditos”, representados por cobras, rastejam até ela. Enquanto isso, uma das cobras serve chá para ela. A palavra *Tea* (chá em inglês) é uma gíria para se referir a fofocas;
- Nos pilares ao lado do trono, está gravada a frase “*et tu brute*”, que significa “até tu, Brutus?”, expressão bastante conhecida por se referir a uma traição. Ela teve origem na peça *Júlio Cesar* de Shakespeare, quando o Imperador é assassinado a facadas e reconhece o amigo Brutus como um dos assassinos;

4 – Acidente de Carro

- Taylor está dirigindo um carro usando um casaco de leopardo, junto com um leopardo real ao lado, fazendo uma enorme conexão com Katy Perry (Katy possui uma música chamada “Roar” que foca nesses temas mais selvagens). Taylor ainda ostenta com um Grammy nas mãos, como se a intenção fosse ofender Katy Perry por ela não ter um Grammy. As duas tem uma briga que dura há anos, intensificada quando Taylor lançou a música “Bad Blood”, que alfinetava Katy. A última respondeu recentemente com a música “Swish Swish”.
- O acidente de carro, junto com todos os paparazzi em volta, sedentos por escândalos, representa que desde que Taylor ganhou o Grammy de álbum do ano, sua vida não teve mais paz. Por fim, ela sai andando, deixando todos para trás, enquanto o carro explode. Significa que ela preferiu “se retirar” de cena, antes que sua imagem ficasse pior.

5 – Cena da Gaiola

- Taylor aparece presa em uma gaiola, usando laranja (cor que os presidiários dos EUA usam) com vários seguranças em volta. Isso representa o tempo que ela ficou fora da mídia.

6 – Cena do Roubo

- Ela aparece com uma gangue roubando uma companhia de streaming. Uma clara referência à sua briga com plataformas de streaming (vulgo Spotify) quando ela retirou todo o seu conteúdo porque os envolvidos nas músicas não recebiam adequadamente;

7 – Taylor e o Squad

- Nessa cena, ela é mostrada como uma ditadora (lembrando Hitler em alguns aspectos) reunida com o seu squad, um grupo formado por garotas robotizadas, praticamente iguais. Foi assim que as pessoas trataram as amigas de Taylor durante muito tempo: modelos, iguais e sem personalidade. Depois, as bonecas aparecem desmontadas, dando a entender que o squad acabou de vez;

8 – Entrando no Escritório

- A cantora entra em um escritório apressadamente, fazendo alguns “funcionários” correrem atrás dela. Algumas pessoas reclamaram da maneira que Taylor comanda sua carreira, como sendo alguém “calculista e controladora”. Mais tarde, os funcionários mostram-se usando camisetas onde está escrito a frase “I <3 TS” (eu amo Taylor Swift), relembrando a polêmica do 4 de julho de 2016, quando Tom Hiddleston (um dos ex’s de Taylor) usou essa mesma camiseta e as pessoas falaram que Taylor o obrigou a usar.

9 – Pirâmide de Taylors

- Taylor aparece poderosa e firme, caracterizada com uma roupa com as letras REP (em referência ao novo álbum, “Reputation”) gravadas. Enquanto isso, ela está acima de uma pirâmide de outras Taylors do passado, que rastejam e brigam para chegar até a Taylor mais forte, no caso a atual.

10 – Pátio do Avião

- Taylor picha seu jatinho particular, escrevendo a palavra Reputation. Outra referência ao novo álbum.

- Várias Taylors aparecem uma ao lado da outra, perto do avião. Elas começam a conversar e tudo o que falam são referências a coisas que outras pessoas disseram a Taylor no passado. Como ela se fazer de “boazinha” e fingir cara de surpresa, se fazer de vítima, ser chamada de “vadia” por Kanye West na música *Famous* e não ter gostado disso, o episódio do VMA, entre outros.

Parte 3 – O engajamento dos fãs

O post feito no site foi criado se utilizando completamente de inteligência coletiva, já que foram os fãs que se juntaram e descobriram as referências por trás do clipe, um complementando a teoria do outro.

Os próprios comentários do post provam isso. Alguns até “corrigem” as referências do clipe, interpretando as cenas como se tivessem relação com outras histórias sobre a vida da cantora.



Tanto a música quanto o clipe pareceram ter sido feitos por dois motivos. Um, obviamente, para o retorno da carreira de Taylor. E o outro, de um ponto de vista externo, foi uma jogada de marketing de mestre. O conteúdo do clipe e a letra da música têm ambos a função de chocar e entreter o consumidor.

Os primeiros a fazerem o clipe estourar nas redes sociais foram os fãs, claro. Mas o fato de ser uma música sobre “alfinetadas” atraiu até pessoas que não eram fã dela. E esse sucesso todo não é nem pelo fato da música ser relativamente boa, mas sim pelo fato das pessoas *gostarem* de um bom

barraco. Afinal, os urubus são atraídos pela carniça. E o que Taylor fez foi justamente jogar a carniça dela no ventilador e esperar os urubus aparecerem.

E como os seguidores da carniça costumam fazer, eles atiram ainda mais carniça no meio da podridão. Várias paródias sobre o assunto foram feitas e podem ser encontradas no Youtube. Até as paródias sobre Katy Perry estão falando sobre isso.

Na página do Facebook, a maioria dos comentários apoia Taylor nessa nova fase, e poucos foram os que jogaram *hate* na cantora. E como é uma música cheia de sarcasmo, alguns fãs brincam, e utilizam o emoji de cobra para se referir a ela. Os que criticaram foram aqueles que interpretaram o clipe como se Taylor estivesse zombando de si mesma, e que sentem falta da antiga Taylor.

O novo álbum fala sobre reputação, e como a reputação da artista está bastante desgastada no meio midiático, é realmente difícil conquistar *todo mundo*. Foram muitos escândalos e muitas brigas, vai ser difícil limpar a imagem de todas elas. É como o autor Mário Rosa fala no livro “A Reputação na Velocidade do Pensamento: Imagem e Ética na Era Digital”, publicado em 2006: vivemos em um campo minado para a defesa da credibilidade. Qualquer coisa é o suficiente para destruir uma reputação, e a de Taylor foi destruída muitas vezes.

Contudo, sendo uma artista competente, ela soube lidar com esse gerenciamento de crise de maneira profissional e produtiva, já que deu um jeito de “limpar sua imagem” com a música e ainda lucrar com isto. Alguns poderão dizer que difamar a imagem de algum artista deste jeito pode resultar em um processo, mas na realidade, Taylor não difamou ninguém. Ela apenas ressuscitou episódios de sua carreira e jogou-os de maneira implícita no clipe, de forma que quem visse algo, seria puramente interpretação, sem prova concreta.

Considerações Finais

Taylor supostamente mostrou acontecimentos de sua vida, na qual gerou diversas interpretações. Teria Taylor se referido a todos esses fatos de si

mesma? São análises que fazem sentido. Ela queria causar impacto, não mostra medo do que as pessoas irão pensar. Os fãs antigos estavam habituados a doce e romântica Taylor, cantora de country mas sempre julgada por *haters* como falsa. E com esses julgamentos, Swift dá um verdadeiro show e não se abala, brincando com sua própria imagem. Não há como ter certeza de fato o que a mensagem do clipe significava, mas com toda certeza a repercussão está longe de terminar. A reputação de qualquer pessoa é importante de algum modo, mas a de um artista é ainda mais. Nas redes, as pessoas podem discutir sobre o clipe seja nos comentários do vídeo “Look What You Made Me Do”, como na página oficial do Facebook da cantora, ou até mesmo no Instagram.

A partir dessas discussões online, forma-se as tais especulações. Em conjunto, as opiniões que se concordam entre si se complementam e criam uma certa inteligência. Automaticamente, as cenas do cemitério que iniciam o clipe remetem ao passado de Taylor para os fãs, que relembram do vestido de “Out Of The Woods”, assim como a cena da banheira ao processo que foi indenizada com apenas um dólar.

A seguir, a cena de Taylor com as cobras parece se referir a fofocas. A rixa entre Taylor e Katy Perry interpretada através de um casaco de pele. De laranja, na gaiola Taylor demonstra o tempo que sumiu da mídia, mas que ainda estava aqui.

As reclamações da cantora não disponibilizar sua música em serviços streaming como o Spotify e Deezer, continuam acontecendo. Com a cena de roubo no clipe, foi feita uma interpretação de que seria um roubo baixar ilegalmente, principalmente nas semanas de lançamento. É notável que Taylor acha que não há valorização do seu trabalho apenas baixando por um site qualquer.

A ironia a seguir, vem das supostas amigas “falsas” de Taylor. Com a pirâmide das Taylors do passado, ela decide que a atual é a mais forte. E está para ficar. A última cena tem várias Taylors brigando entre si. Fica a questão: estaria ela zombando da própria imagem ou estaria apenas ironizando e mostrando como Swift realmente não liga para o que falam? Estaria realmente

mudada ou ainda há no fundo aquela mulher romântica de “Fearless”, defendendo se das críticas?

Toda essa imagem negativa que Taylor vêm carregado ao longo desses últimos anos teria sido supostamente imposta pela mídia? Já que desde os primórdios de sua carreira, tanto portais de notícia quanto outros famosos a denigrem, chamando-a de falsa, calculista e outras coisas. Além das acusações machistas sobre ela ter tido vários namorados e não ter durado muito tempo com nenhum deles.

Além disso, ela escreve várias músicas relatando as experiências com esses ex's, e depois de tantas, os fãs ficaram saturados e a criticaram de não saber compor músicas com outro tema. Poderia ser este um dos vários pontos que a levaram a lançar “Reputation”. Mais um indício da jogada de marketing que viria a ser uma mudança de tema. Taylor gosta de escrever músicas sobre experiências pessoais, e como os fãs “enjoaram” de músicas sobre relacionamentos fracassados, ela resolveu vender a outra parte de sua vida: a polêmica. Como já dito antes: polêmica atrai pessoas porque as pessoas *gostam* de um bom e belo barraco.

E a fórmula do sucesso foi bastante óbvia, pois bastou ela juntar “polêmica + referência” para resultar em engajamento. Pois vários fãs se juntaram para criar teorias e especular sobre o conteúdo mostrado no clipe, e o objetivo era exatamente esse. Lançar a música teoricamente “mais forte” como primeiro single do álbum foi o primeiro passo para que “Reputation” se tornasse um dos álbuns mais vendidos na pré-venda de 2017. O conceito de inteligência coletiva foi usado como estratégia de marketing, que nesse caso, deu super certo.

Há discussões por todo o mundo. Não há como saber de fato o que houve. A partir disso:

De acordo com Levy, os seres humanos são incapazes de pensar só e sem o auxílio de qualquer ferramenta. Com o compartilhamento de informações num website, utilizando da ferramenta internet: pesquisando sobre e opinando com os outros usuários. Nesse caso, foram os fãs que com a interatividade, geraram conteúdo. Não se sabe ao certo o que quis ser transmitido, mas com

tantas discussões iniciadas um conhecimento ou informação foi se vinculando ao outro e formando significados.

Assim, tais cenas que geraram especulação do clipe citadas anteriormente demonstram uma verdadeira inteligência coletiva atual e uma alfinetada de mestre que não pode ser comprovada como alfinetada, pelo simples fato de tudo ser uma grande especulação dos fãs.

REFERÊNCIAS

<http://taylorswift.com.br/as-referencias-do-clipe-de-look-what-you-made-me-do/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Intelig%C3%A2ncia_coletiva

<http://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/inteligencia-coletiva.htm>

<https://ciclophael.wordpress.com/2009/06/22/resenha-do-livro-cultura-da-convergencia-de-henry-jenkins/>

<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/informatica/inteligencia-coletiva.htm>